

EM TORNO DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA: A LINGUAGEM TEXTUAL COMO MEDIAÇÃO DO ABSOLUTO¹

*Prof. Dr. José Vanderlei Carneiro**

Resumo

Neste artigo descrever-se-á uma proposta de método para estudos de produção de sentido humano por meio da compreensão dos textos situados no mundo. Tomar-se-á como ferramentas teóricas as pesquisas em torno da Hermenêutica da linguagem textual desde o pensamento grego antigo até os trabalhos elaborados pela Filosofia contemporânea. Far-se-á um percurso histórico com o propósito não de demonstrar o desenvolvimento linear dos estudos hermenêuticos, mas para explicitar as nuances de compreensão como cada teórico foi trabalhando os registros de sua experiência de autocompreensão, como, por exemplo, a proposição “O homem diante do Absoluto”, tem sua produção de sentido desde o lugar em que se encontra o enunciador. O caráter da Hermenêutica é estabelecer a mediação de sentido entre o mundo do texto e o mundo do leitor, rompendo com formações dogmáticas de interpretação de texto cristalizadas por gramáticas exclusivas de cada ciência particular (Teologia, Filosofia, Direito, Literatura e Arte).

Palavras-chave

Hermenêutica. Texto. Mediação. Linguagem.

Abstract

In this article I will describe a proposal for a study method of human meaning production through understanding of texts situated in the world. I will take as a theoretical tool the research around the hermeneutics of textual language from the ancient Greek thought to the work produced by the contemporary philosophy. We will make a historic journey with the purpose of not present the linear development of hermeneutical studies, but to explain the comprehension

¹ Texto extraído, com alteração, da tese de Doutorado (Por uma redefinição da narrativa à luz da narratologia contemporânea) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, tendo como orientadora a Prof^a. Dr^a. Marlene Mattes, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades (CH) da referida Instituição.

nuances that each theorist was elaborating in the records of their experience of self-comprehension, for example, the proposition "The man facing the Absolute" has its meaning production from the place where the speaker is. The character of hermeneutics is to establish a sense of mediation between the world of the text and the reader's world, disrupting crystallized dogmatic formations of the text interpretation by exclusive grammars to each particular science (theology, philosophy, law, literature and art).

Keywords

Hermeneutics. Text. Mediation. Language.

1 - Introdução

Os estudos hermenêuticos com suas características contemporâneas serão tomados, aqui, como alternativa metodológica para compreendermos a posição de sentido na seguinte proposição "O homem diante do Absoluto". A Hermenêutica é uma ferramenta de compreensão de texto cada vez mais usada pelas ciências da linguagem. Mesmo o termo sendo relativamente recente (séc. XVII), a interpretação é um recurso metodológico antigo, que acompanha a saga da própria humanidade no que diz respeito o seu desejo de compreender o homem, o mundo e o Absoluto por meio da linguagem.

Interpretar e compreender sempre estiveram presentes no horizonte intelectual humano, porque este, continuamente, se encontrou com o problema do "entre", das ligaduras, das conexões, do estranhamento, ou seja, daquilo que possibilita a produção de sentido da sua compreensão. O problema, para nós, não é nem o homem nem o Absoluto, mas a locução adverbial (diante do), que põe os dois em cena de produção de sentido. O sentido, assim, não se experimenta como algo já pronto, mas como um processo, um constante devir, ou como algo em perene fazer-se.

Como ser de linguagem, o homem continuamente emite e recebe informações (dados) a serem compreendidos e interpretados. Nesse processo de compreensão e exercício da comunicação, o ser humano se forma em interação com a comunidade discursiva na qual ele convive.

A Hermenêutica como teoria da interpretação do sentido, tendo como materialidade linguística os textos sagrados, literários, legais ou filosóficos, cumpre o propósito de conduzir o sujeito a se compreender no momento em que ele compreende o mundo do texto. Desta forma, a definição da Hermenêutica transpõe as formas de análise da linguística

estrutural. Seus critérios de análise se aplicam no campo da dialética entre o texto e o homem; entre o texto e o mundo e entre o texto e o Absoluto.

Do ponto de vista etimológico, a palavra hermenêutica surge no séc. XVII, mas goza de uma longa trajetória como arte da interpretação. Este percurso histórico é simultâneo à formação da própria consciência humana. O ser humano historicamente se constitui como um ser que interpreta, desde a Antiguidade grega até o pensamento contemporâneo, com suas devidas incursões na história.

2 - Das origens da mediação da linguagem

Hermenêutica tem sua constituição originária associada à mitologia grega. Hermes o deus-mensageiro-alado, é conhecido pela sua façanha de transmutação de sentido daquilo que estava além da compreensão humana. A linguagem oral e escrita era a ferramenta que Hermes usava para encontrar o significado das coisas e tornar possível a compreensão humana (PALMER, 1969).

A palavra hermenêutica se configura do encontro de duas formas gramaticais: do verbo *hermeneuein* e do substantivo *hermeneia*. Estes termos derivam da concepção de Hermenêutica, da qual as Ciências da Linguagem se apropriam como ferramenta metodológica. Três usos bem determinados da forma verbal de *hermeneuein*, são eles: a) exprimir em voz alta; b) explicitar, esquecer, elucidar e c) traduzir (PALMER, 1969). Segundo Grondim (1999, 53), "*hermeneia é sempre a transposição dos pensamentos da alma para a fala exterior*", o que nos assegura que a Hermenêutica pode ser um instrumento de compreensão coerente na nossa concepção de texto, isto é, texto como prática discursiva.

No pensamento grego, tanto com Platão (2011), no *Banquete*, como Aristóteles (2005), em *Da Interpretação*, análise e interpretação têm a mesma função metodológica - função de permitir, por meio dos conhecimentos prévios do leitor, que ele possa compreender o texto.

Foram os estoicos, no entanto, no período helenístico, que elaboraram os passos de uma interpretação, seguindo o caminho da palavra proferida à palavra interior ou do ato da enunciação. A Hermenêutica, desta forma, é um método dialético que supõe que todo texto é polissêmico. A abertura de produção de sentido que o texto

proporciona nos mobiliza a compreender a cena discursiva em reflexão: “O Homem diante do Absoluto”.

Que motivos levaram os estoicos a estabelecer uma prática de interpretação no período helenístico? O primeiro motivo relaciona-se a sua necessidade constitutiva de compreender-se e de compreender a realidade, não evidente. O segundo motivo está na necessidade de uma sistematização entre tradição religiosa e *logos* racional. Essa necessidade foi percebida pelos estoicos para elaborar a sistematização da história, estritamente vinculada à busca de felicidade, porque sua ética estava intimamente ligada ao conhecimento.

Assim, a interpretação segundo o percurso do *logos* expresso ao *logos* interior é uma tentativa estoica de adaptar o patrimônio espiritual à mentalidade da época, em busca de uma melhor compreensão de si, viver melhor e ser feliz. Os estoicos não deixaram manual de interpretação, mas sua contribuição marcou a história da Hermenêutica.

Influenciada pelo estoicismo, desenvolve-se a concepção da Hermenêutica vinculada a uma perspectiva exegética bíblica, tanto em Fílon de Alexandria² (15-54 d.C.) como em Orígenes³ (185 - 245). Este último deixa explícita esta noção de Hermenêutica, na sua obra *Primeira Consideração Sistemática do Problema Hermenêutico*, cuja maior parte tem uma abordagem exegética, contendo, somente, uma pequena sistematização sobre a doutrina da interpretação, a qual ele organiza em três faixas de sentido, relacionado com o corpo, a alma e o espírito. Assim segue.

1 - *Sentido corporal, isto é o literal, que também era chamado de somático ou histórico, destina-se às pessoas ingênuas* (GRONDIM, 1999, 66);

2 - *Sentido anímico, que se direciona para aqueles que já fizeram maior progresso na fé* (GRONDIM, 1999, 66) e

² Filósofo e teólogo. Expressa nos seus estudos a organização doutrinária existente no Antigo Testamento, considerado como um todo coerente e articulado, em termos das grandes correntes da sabedoria helênica e helenística, procurando no melhor delas pontos de convergência com a Revelação (MACEDO, 1990, 572).

³ Considerado um dos grandes pensadores mais originais senão o maior gênio do Cristianismo primitivo (PACHECO, 1991, 1263).

3 - *Sentido espiritual, que revela os mistérios supremos da sabedoria divina, ocultos na letra* (GRONDIM, 1999, 66).

Algumas posições de Orígenes são facilmente identificadas como continuações ou releituras de Filon. Vale acrescentar que o excessivo valor que Filon deu à alegoria, chegando a escrever que tudo na Sagrada Escritura consistiria em mistérios, fez a tradição judaica silenciá-lo.

Essa leitura, no entanto, foi tomada pelo Cristianismo primitivo, sendo Jesus a chave de interpretação para todo o Antigo Testamento. Posteriormente a Igreja diferenciou alegoria e tipologia. A primeira conduzia a interpretações arbitrárias, enquanto a segunda tinha a finalidade de encontrar no antigo testemunho os prenúncios de Jesus Cristo. Postos esses comentários, podemos perceber que Filon e Orígenes estão preocupados em salvar a coerência bíblica com a interpretação.

Outro elemento de aproximação é o sentido espiritual que é tido como o mais elevado. Com base nessa sistematização de Orígenes, estrutura-se o quádruplo (alegórico, histórico, literário e espiritual) sentido da escritura, que marcou toda a Idade Média.

Orígenes chegou, no entanto, a defender a tese de que tudo deve ser interpretado de forma espiritual, pois tudo o que é escrito é constituído de mistérios (GRONDIM, 1999, 68) e essa universalização tipológica era demasiada para a comunidade cristã primitiva.

3 - A mediação de sentido por meio do *logos* interior

Em Agostinho (2002), o problema hermenêutico é um traço característico de sua vida. Nele, a Hermenêutica busca sua identidade numa compreensão maior da Sagrada Escritura em face dos vários desafios apresentados, tanto pelas heresias, quanto pela tradição cristã e pela tradição filosófica.

Diferentemente de Orígenes, que buscava o sentido da Escritura por via do método alegórico, Agostinho defendia a tese de que o Livro Sagrado deveria ser interpretado por meio do *logos* interior. Agostinho (2002) supõe que existe uma clareza no texto bíblico e esta clareza se dirige ao entendimento dos trechos mais obscuros. Esse método é assim adquirido por meio da familiaridade que o leitor tem com os textos sagrados.

O método hermenêutico agostiniano consiste na elucidação das passagens obscuras da escritura com referências às claras, assim como, o cultivo de línguas, como hebraico e grego, favorecem o estudo do texto bíblico, como também o uso da regra da caridade.

O último aspecto, porém não menos importante, é o conselho agostiniano para que o intérprete cultive a fé, a esperança e a caridade fundamentos de toda a ciência e possibilidade de garantir a coerência do Texto Sagrado.

4 - A Hermenêutica na reforma protestante

A reforma protestante foi um marco importante na história da Hermenêutica, em sua definição perante a religião. A noção luterana de "sola scriptura" tornou-se referência para os estudos de interpretação do Texto Bíblico no Período Medieval.

A Hermenêutica protestante foi pensada por um seguidor de Lutero⁴, Matthias Flacius Illyricus (1520-1575). Para este, a dificuldade de se compreender o texto bíblico era somente por falta de domínio sobre a gramática das línguas bíblicas. Mesmo que para Lutero o sentido literal do texto já contivesse o espiritual, para Flacius, vencer as dificuldades da interpretação consistia em seguir passos simples e úteis, como: a invocação ritual ao Espírito Santo e o conhecimento linguístico. Conforme Grondim (1999, 87),

[...] Flacius inspirou-se fortemente, não apenas em Agostinho, mas também na tradição da retórica. A sua afamada doutrina do "scopus", da intenção na qual um livro foi concebido, é um empréstimo direto da retórica. Em seu cerne, o aspecto gramatical é ultrapassado pela intenção que lhe está na base.

5 - Da exegese da Escritura à interpretação filosófica

Com a Renascença, a impressão e o número de publicações provocaram um incentivo à interpretação de textos clássicos. Neste contexto, aparece pela primeira vez a palavra hermenêutica, pensada

⁴ Fundador da Reforma protestante. Conhecido pelo seu pensamento contra as indulgências, que desencadeou o movimento de reformulação do cristianismo. (SOUSA, 1991, 550-552).

como ciência propedêutica, mas equivalente à tradicional Lógica aristotélica, expressada como análise das locuções.

A Hermenêutica, considerando a compreensão anterior, não deve se ocupar de todas as passagens obscuras, mas somente daquelas que preenchem estritamente o objeto da interpretação. Portanto, é preciso distinguir as ocorrências textuais que não pertencem ao estatuto da Hermenêutica, tais como (GRONDIM, 1999, 100-102):

1 - *a obscuridade pode surgir com frequência de uma passagem editorialmente deteriorada;*

2 - *a obscuridade pode decorrer de uma insuficiente introspecção na linguagem pela qual foi estruturada a obra; e*

3 - *passagens ou das palavras, que 'em si' (são) formuladas ambigualmente.*

A Hermenêutica, portanto, deve se preocupar com o contexto para o entendimento do texto. Com a interpretação, pretende-se obter, normalmente, que aqueles que ainda não estão seguros de suficientes conhecimentos sejam levados à compreensão.

A noção de Hermenêutica chega ao século XVIII como uma concepção que transpõe o texto escrito. Fica instituída por meio da Hermenêutica a compreensão universal do mundo com base na leitura dos sinais, que são constituições contextuais da linguagem, tais como: sinais de natureza hieroglíficos como de textos documentais.

Somente, no século XIX, entretanto, com os estudos do filólogo, filósofo, teólogo e pregador Schleiermacher⁵ é que a Hermenêutica foi pensada como ciência, o que significou um novo modo na história no que diz respeito a definir interpretação. A Hermenêutica, que até a Reforma Protestante se configurou como interpretação do objeto religioso (mítico, cristão), agora se põe como Hermenêutica geral⁶.

6 - Schleiermacher e o Círculo dialógico da hermenêutica

⁵ Teólogo e filósofo alemão (1768-1834). Suas doutrinas exerceram grande influência na Teologia protestante, além de ter sido objeto de estudo por Dilthey (FRAGA, 1992, 969-972).

⁶ Schleiermacher pode-se ser colocado como referência na mudança do objeto da Hermenêutica, isto é, do religioso para qualquer outro texto, monumento ou expressão artística.

Schleiermacher (1768-1834) teve formação filológica com Ast⁷ e Wolf⁸ e a partir de 1805 começou a ensinar Hermenêutica sacra e a desenvolver seu projeto de uma Hermenêutica geral, lecionando para seus alunos. Para Schleiermacher, todo estudo de texto é hermenêutico, porque o texto traz a mensagem do autor, que não está presente, mas, com ele, estabelece uma relação de diálogo. Essa relação dialógica é fundamental para a compreensão de uma Hermenêutica, já que a compreensão pressupõe diálogo.

Podemos, então, completar explicando que a interpretação é uma arte dialógica da compreensão. O elemento característico da Hermenêutica de Schleiermacher é o círculo hermenêutico, e assim o explica Palmer (1986, p. 94):

O círculo hermenêutico propõe uma área de compreensão partilhada. Visto que a comunicação é uma relação dialógica, presume-se desde o início uma comunidade de sentido, partilhada por quem fala e por quem ouve.

Na compreensão há, também, um pressuposto de empatia, para que se estabeleça a relação dialogal entre o leitor e o texto, a fim de o leitor chegar a compreender o autor seguro da sua interpretação. A própria ideia de "círculo" propõe uma compreensão partilhada.

Schleiermacher (1999) distingue dois domínios de análise no seu projeto de Hermenêutica: a) o domínio da linguagem ou interpretação gramatical e b) o domínio do falante ou interpretação psicológica. A interpretação gramatical consiste em mostrar a obra com relação à língua, daí a necessidade de um conhecimento prévio da língua do autor a ser interpretado. A interpretação psicológica considera a subjetividade do autor, a criatividade e a obra como parte de sua vida. Estes dois domínios, entretanto, são absolutamente interdependentes, nenhum deles sozinho dá conta da interpretação do texto como um todo.

⁷ Friedrich Ast (1778-1841), nos seus estudos filológicos, objetiva recuperar o espírito da Antiguidade, que para ele se explicita de maneira clara na herança literária (PALMER, 1969).

⁸ Friedrich August Wolf (1759-1824), filólogo, definiu a Hermenêutica como ciência das regras pelas quais se reconhece o sentido dos signos. Naturalmente que as regras variavam com o objeto, e assim há uma Hermenêutica para a poesia, para a História e para o Direito (PALMER, 1969).

Vejamos como ocorre, sistematicamente, o processo hermenêutico de Schleiermacher na perspectiva da circularidade.

1 - Interpretação gramatical - a análise do texto segundo os métodos linguísticos.

2 - Interpretação psicológica - a análise subjetiva da linguagem como reconstituição do pensamento do autor.

3 - Procedimento hermenêutico ou processo da compreensão - análise das condições de diálogo do texto.

4 - Procedimento de validação ou processo de aplicação da Hermenêutica – processo desenvolvido na contextualização dos textos.

Com Schleiermacher a Hermenêutica deixa de ser um método exclusivo dos estudos teológicos, literários ou do campo do Direito e passa a ser considerada como arte de se compreender uma expressão linguística. Em última instância, Hermenêutica se torna referência para a compreensão dos textos em geral, como, por exemplo, uma obra de arte, um monumento ou a proposição de simpósio de Filosofia tal como: “o Homem diante do Absoluto”. Isso é o que vai caracterizar a Hermenêutica no âmbito da ciência moderna.

7 - Dilthey: em busca de uma metodologia para as Ciências Humanas

Com Schleiermacher, aconteceu a abertura da Hermenêutica à passagem da análise do Texto Bíblico para a arte de compreensão de qualquer texto. Isso significou um novo modo de ter presente a compreensão, em especial de forma dinâmica e dialógica. Dilthey (1833-1911), filósofo alemão, ampliou o conceito de Hermenêutica estabelecido por Schleiermacher e o fez de tal modo que abrange agora não só o texto, mas também as ações humanas.

O propósito da Hermenêutica com suporte nos estudos de W. Dilthey é tornar-se um método que possibilite a interpretação das expressões da vida. A compreensão nas Ciências Humanas não é apreendida de modo mecânico, obedecendo à ordem de causalidade, mas partilhando a experiência, estabelecendo comparações, unindo conceitos e sentimentos. Esta é uma relação que se estabelece no ato da interpretação.

A compreensão, portanto, não se dá somente mediante a observação sobre o objeto que está sendo interpretado, mas por meio do próprio intérprete, que se compreende melhor nessa interpretação.

Como sustentar, porém, a proposição anterior de que existe relação entre o intérprete, que procura compreender ao mesmo tempo em que se compreende e o objeto a ser interpretado? Dilthey situa a história como paradigma básico (PALMER, 1969), pois a compreensão das Ciências Humanas sucede no contexto histórico, com suas influências e particularidades. Ora, segundo esta abordagem, a vivência é o elemento constitutivo da consciência histórica, e seu processo ocorre na relação sistemática entre experiência, expressão e compreensão.

A experiência entendida na Filosofia diltheyana como "experiência vivida" não é um conteúdo de um ato reflexivo, mas o próprio ato. Um ato de consciência, algo que está antes da separação sujeito-objeto (PALMER, 1969, 114). Desta forma, a experiência está no âmbito da consciência pré-reflexiva; está em tudo aquilo a que damos saliência e, somente quando se necessita de uma explicação, é que se opera com a reflexão.

Quanto à expressão, compreendemos, em conformidade com o pensamento do Filósofo, como sendo a vida que se revela nas obras, conduzindo o leitor a se compreender dentro da história. Ao se tratar, por exemplo, de uma obra de arte, há uma visão do seu criador na obra. Esta visão, de modo particular, as obras da linguagem, tem o poder de revelar a vida interior do criador. Então se inicia o compartilhamento de experiência entre o intérprete e o interpretado, com o qual a coesão é estabelecida pela vida.

Já a compreensão como constitutivo da consciência histórica se configura na relação entre experiência de vida, expressão de vida e a própria compreensão de vida. Nesse caso, a vida é a âncora que permite a relação, fundamentalmente entre intérprete e interpretado; história e círculo hermenêutico da vida nas obras de sentido humano.

Em razão do objetivo de expressar uma metodologia adequada às Ciências Humanas, Dilthey tenta se distanciar das abordagens metodológicas do campo das Ciências Naturais, pois estas são marcadamente mecanicistas. Ele, no entanto, não consegue se libertar totalmente do cientificismo adotado pelos estudos da história de seu

tempo, o qual se tinha proposto superar numa sistematização de um método mais condizente com a realidade das Ciências Humanas.

A fórmula que Dilthey expressa na relação experiência-expressão-compreensão constitui o campo metodológico dos estudos das ciências humanas, de modo que a relação entre História e Hermenêutica é a base do seu projeto de ciência da interpretação.

8 - Heidegger: compreensão como modo de ser do cotidiano

A constituição da Hermenêutica em Heidegger (1889-1976) toma um propósito de superação da dicotomia expressa por Dilthey entre Ciências Humanas e Ciências da Natureza. Toda interpretação, agora, funda-se no ser, o qual transcende os limites definidos por uma metodologia que contrapõe uma forma histórica de forma científica de compreensão. Para Heidegger (2008), toda compreensão é temporal, intencional e histórica.

Estas categorias abrem a possibilidade de se interpretar o mundo por meio da compreensão dos seus fenômenos. Significa dizer que a compreensão é temporal quanto a sua pertença ao cotidiano como modo de ser do tempo. A manifestação do tempo é o fenômeno a fazer com que percebamos no cotidiano a experiência da espera de um amanhã como o eternamente ontem (HEIDEGGER, 2008, 461).

A compreensão como intencionalidade nos insere na perspectiva ontológica de abertura do ser, dando-nos condições de operar com a interpretação de qualquer texto, pois o acesso ao sentido é uma possibilidade existencial. O leitor (intérprete) intratemporaliza as pré-compreensões constituintes da compreensão intencional. Já o caráter histórico da compreensão ocorre, por um lado, por meio da retomada originária do ser, e, por outro, por meio do seu processo metodológico de desvendamento do ser-no-mundo, ou seja, com base na explicação que tal compreensão dá de si mesmo, enquanto explica o sentido do mundo/texto.

O caráter hermenêutico do pensamento de Heidegger (2008) pode ser percebido nas incursões próximas a uma preocupação com a exegese, enquanto busca o sentido do texto no texto ou nas investigações em torno da compreensão do ser-no-mundo.

Este propósito se especifica quando o foco do estudo é a interpretação de textos. Somente neste empreendimento se acentua a

importância da exegese do texto, principalmente quanto à compreensão dos fragmentos dos textos antigos, demonstrando, pois, a natureza intrínseca da Hermenêutica, que é revelar as coisas no contexto de compreensão do ser.

Heidegger, neste sentido, retoma a metáfora da caverna do Filósofo grego. A compreensão é um esforço de desvendamento do sentido. Com este propósito, Heidegger segue a mesma intenção dos filósofos dos séculos XVIII, XIX e XX, tais como Kant, Hegel e Nietzsche. Também estes explicitaram aspectos do antigo pensamento grego, ou seja, a busca em torno do desvendamento da verdade e do sentido.

Neste contexto a hermenêutica não significa simplesmente uma interpretação em termos de correção e de concordância; a hermenêutica continua com as suas teses tradicionais mais fundas ao querer descobrir um significado escondido, ao querer esclarecer o que é desconhecido: a revelação é desocultação. (PALMER, 1969, 151)

Do ponto de vista metodológico, compreensão é a chave para a interpretação na ideia heideggeriana, configura-se por meio das seguintes interrogações fundamentais: a) o que o texto não disse? e b) o que o autor não disse e não podia dizer, mas que aparece no texto? Com origem nessas indagações, desencadeia um processo de compreensão do texto que remete o intérprete/leitor para as categorias de temporalidade, intencionalidade e historicidade. A interpretação do texto, neste sentido, está nele e além dele.

A compreensão/interpretação do texto e dos seus sujeitos, entretanto, além de Heidegger, interage não somente no momento em que o sentido se revela, mas também no processo de interpretação textual. Esta observação pertence à crítica ricoeuriana no que diz respeito à hermenêutica fenomenológica, no sentido de que esta ideia de interpretação não inclui necessariamente o ato de interpretação de um texto.

Em última instância, interpretar é recusar qualquer teoria de texto que não permita ao leitor/intérprete operar com as bases que sustentam o desocultamento do não dito no texto, mas que é possível de ser compreendido e dito.

A Hermenêutica de Heidegger diferencia-se em relação à ideia de Hermenêutica em Dilthey, pois este pretende tornar a Hermenêutica como base metodológica para as Ciências Humanas, enquanto aquele

aponta para o fato e a compreensão enquanto tal, não especificamente como métodos históricos de interpretação opostas aos métodos científicos. Heidegger defende a tese de que toda a compreensão tem como constituinte o caráter histórico e existencial, perspectiva que será tomada no estatuto hermenêutico- filosófico de Gadamer.

9 - Gadamer: Hermenêutica da experiência

De acordo com o pensamento de Gadamer (2007), a compreensão histórica não pode ser entendida como experiência centrada na condição da pessoa como um ser histórico, mas na sua participação comum na vida em relação com aquilo que cada pessoa faz com as outras. Esta ideia de compreensão não deixa de aludir à proposição de experiência de vida cunhada por Dilthey, permitindo compreender as manifestações da vida na arte e na literatura (PALMER, 1969, 181).

A Hermenêutica, para Gadamer, assentada na experiência, situa como ferramenta metodológica a pressuposição no processo de qualquer interpretação. O texto literário, aqui no nosso caso, para ser interpretado, preserva conceitos antecipados ou preconceitos, pois a compreensão incorpora o acúmulo de produção da história. A interpretação de um texto, como práticas discursivas do mundo, tanto abrange a interação da tradição da arte de interpretar com as possibilidades futuras decorrentes da leitura, pois esta nos abre significados por intermédio da experiência do leitor/intérprete com o texto; como também compreende a tensão proveniente da experiência de temporalidade, ou seja, a tensão entre presente/passado, a qual é fundamental para a constituição da Hermenêutica.

A Hermenêutica, desta forma, estabelece a mediação da tradição linguística, com seu estatuto metodológico para a compreensão, e a tarefa de esclarecer as condições sob as quais se efetiva a compreensão. A função, pois, da hermenêutica é compreender fundamentalmente o texto, entendido como ambiência onde acontecem as tensões da experiência da vida, saliente por meio das estratégias de interpretação textual.

O conceito de interpretação na Filosofia de Gadamer se funda, por um lado, no encontro do passado com o presente, portanto, no jogo da temporalidade; e, de outra parte, na esteira da história. Nesta perspectiva, a interpretação se constitui como possibilidade de referenciação que valida a Hermenêutica como método de investigação do sentido na própria significação da história e seus sujeitos. A base da

interpretação, contudo, não são as subjetividades dos sujeitos (autor e leitor), mas a relação do texto com a situação presente.

Esta abordagem sugere a colocação de um elemento metodológico da Hermenêutica - a aplicação. Aplicação é imprescindível para a interpretação do texto literário, jurídico, teológico ou filosófico no que diz respeito à demonstração do modo como o texto fala à condição presente.

Em toda interpretação de um texto, ocorre uma tentativa de desmitologização⁹ (GADAMER, 2007), ou seja, um processo de tornar presente a história, pois, em toda atividade de interpretação, se efetiva uma aplicação ao presente. Isto ocorre pela condição da leitura, dado o seu caráter de evento, de acontecimento situado no tempo. A desmitologização é exatamente o efeito que a leitura opera com texto. O significado produzido pela leitura do texto está na condição de pertença do texto em relação com o contexto atual.

Portanto, toda experiência hermenêutica acontece, como já mencionamos, com origem no encontro entre o texto produzido e o horizonte do leitor/intérprete; mas a base deste encontro para se operar com Hermenêutica é a linguística de texto. Isso porque este campo de estudo da linguagem possibilita o acesso ao conhecimento da tradição comunicativa que, por um lado, está escondido no texto e, por outro, se expressa por via da experiência ocorrente na e pela linguagem situada na história.

Tomando a teoria da interpretação desenvolvida por Gadamer (2007) na sua obra *Verdade e Método*, na qual situa a experiência como base para uma hermenêutica do texto, compreende-se que existe procedência, nessa teoria, para armarmos o nosso propósito de compreender a proposição: “o homem diante do Absoluto”.

10 - Hermenêutica situada: da Filosofia ao método

O último dos hermeneutas, na nossa galeria descritiva, é Paul Ricoeur, que concede suporte teórico à nossa tese, a qual pretende

⁹ Categoria que Gadamer (2007) menciona da teologia exegética de Bultmann, exatamente se distanciando da concepção iluminista sobre o mito. Bultmann, por meio da categoria de “desmitologização”, quer ter acesso ao sentido real do texto bíblico. Nesta mesma linha, pode-se aplicar este termo para os estudos hermenêuticos em textos literários.

compreender linguagem textual, redefinindo-a com procedência em um método de análise interpretativa.

Ricoeur (2008), no livro *Hermenêutica e Ideologia*, estabelece a relação entre a reflexão filosófica e o método hermenêutico, posicionamento que Hilton Japiassu define como uma filosofia do sentido, por ser uma reflexão profunda de resgate identitário do sujeito em relação com seu tempo.

Seu objetivo é atingir e formular uma teoria da interpretação do ser. A contribuição fundamental de Ricoeur, para nós, é quanto ao caráter interdisciplinar do conhecimento que proporciona o encontro das metodologias operadas pelas Ciências Humanas, tais como Filosofia, Teologia e Ciências da Linguagem.

Ricoeur chama atenção para a ordem de suas obras que descrevem a linguagem do mito e a linguagem dos símbolos, pois merece uma interpretação, que se compreende num duplo sentido hermenêutico, como escreve M. Renaud (1985): no primeiro sentido, a Hermenêutica deve mostrar como as obras (texto) se inserem no esforço pelo qual o sujeito se reapropria da sua existência; no segundo, a Hermenêutica deve elaborar a teoria dos sentidos - das obras simbólicas (textos literários, sagrados e filosóficos).

Com efeito, a Hermenêutica ricoeuriana centrada no sujeito e na linguagem vislumbra vários horizontes desde o estudo sobre o conceito de ação, a Teoria da História, a Filosofia da Linguagem, a Linguística da Metáfora, a Hermenêutica do Texto até a Teoria da Narrativa. Esta diversidade estabelece, em última instância, uma dialogia metodológica entre as Ciências da Linguagem.

Assim é expresso o entendimento da Hermenêutica em Paul Ricoeur: uma hermenêutica do sujeito, como investigação reflexiva da subjetividade e um questionamento às Ciências Humanas, mediante a crítica às ideologias, através da análise das várias linguagens que expressam sentido.

A tarefa da Hermenêutica em Paul Ricoeur (2008), contudo, é tornar as várias interpretações como possibilidade de investigação de sentido, mediada pela interface reflexão filosófica e linguagem, sobretudo, a linguagem literária e teológica, por pertencer tanto à linguagem mitológica como à linguagem simbólica.

Com base neste conceito de Hermenêutica, sustentaremos a defesa de um novo referencial de reflexão filosófica como ferramenta de interpretação dos operadores dialéticos que possam fazer a mediação do sentido do “o homem com o Absoluto”. Estes operadores são de ordem linguística.

São, também, do domínio da Hermenêutica narratológica, uma proposta teórico-metodológica de pesquisa com linguagem textual, que tem como objeto de estudo a relação entre o mundo do texto e o mundo do leitor nas diversas formatações genéricas do leitor. A textura dessa teoria se conforma com o esforço de interpretar a história da expressão humana, tendo como objeto de investigação o signo da palavra.

Retornando a Ricoeur (2008), a Hermenêutica não opera somente com linguagem simbólica, mas qualquer linguagem constituída por símbolos. Isso ele constata na interpretação que faz dos símbolos sagrados. Esta simbologia opera com o distanciamento do sujeito de si mesmo, tais como: a mancha, a culpa, o pecado. Estes símbolos, no entanto, se explicitam como linguagem simbólica tanto nos escritos bíblicos como no texto literário. Somente uma metodologia que atue tanto com a análise do signo da palavra (linguística) quanto com o exercício interpretativo do texto (Hermenêutica) poderá desvendar os segredos dos textos literário, filosófico e bíblico.

O estatuto da metodologia que estamos propondo tem validade sustentada tanto por intermédio dos novos estudos da Linguística de texto, como por meio da história da Hermenêutica filosófica; pois, para Ricoeur (1986), a Hermenêutica é a teoria das operações do entendimento em sua relação com a interpretação de textos.

Portanto, a Hermenêutica tem, em última instância, a função de estabelecer a mediação de sentido entre o mundo e o homem e entre o homem e o Absoluto. Fica instituída, portanto, a ideia de que existe uma referência comum para o mundo situado na história e para o sentido último do homem, pois considerar o Absoluto um ser sem referência é aceitar uma concepção estreita de referência, dentro de uma semântica puramente emocional.

11 - Conclusão

Considerando a base teórica sobre a qual desenvolvemos nossa reflexão, o pensamento contemporâneo se caracteriza pelo uso de

ferramentas de pesquisa interdisciplinar. Neste sentido, trabalhamos, aqui, com a teoria do texto na interface com a teoria interpretação.

Por que Hermenêutica? Por ser um método de pesquisa que trata com a compreensão humana por meio da linguagem; principalmente com a linguagem escrita. Tomando, na história, configurações de interpretação das múltiplas expressões de linguagem, a Hermenêutica filosófica passou a ser um método muito presente nos estudos de textos. Opera, por um lado, com as categorias linguísticas de análise, e, por outro, com os elementos interpretativos da compreensão humana.

Seguindo na nossa conclusão, a Hermenêutica, de inspiração mais propriamente filosófica, nos dá um suporte teórico e metodológico para pesquisas com linguagem textual, pois nossa concepção de Hermenêutica se estatui de três relações fundamentais: a) a relação entre as categorias de base da interpretação: o homem, o mundo e o texto; b) a relação de refiguração interpretativa entre o mundo do texto e o mundo do leitor e, c) fundamentalmente, a relação entre as tipologias textuais. Estas relações asseguraram a nossa escolha teórica e metodológica para o entendimento da proposição em estudo: “O diante do Absoluto”.

Por último, entendemos que a compreensão do ser humano passa por mediações do seu dizer. Os aspectos metodológicos descritos no curso deste artigo apontaram para uma produção de sentido da experiência humana com base na noção de textos simbólicos, tais como: textos sagrados, ficcionais, legais e filosóficos.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: PAULUS, 2002.

ARISTÓTELES. *Órganon - Categorias, Da interpretação, Analíticos Anteriores, Analíticos Posteriores, Tópicos, Refutações sofisticas*. Trad. Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2005.

FRAGA, Gustavo de. “Schleiermacher (Friedrich Esnst Daniel)”. In: *LOGOS - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. V. 4. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1992.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007.

GRONDIM, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Tradução e apresentação de Benno Dischinger. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução revisada de Mareia Sá Cavalcante Schuback. 3ª edição. Petrópolis: Vozes / Bragança Paulista - Universitária São Francisco, 2008.

MACEDO, J. M. Costa. "Filon de Alexandria". In: *LOGOS - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. V. 2. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1990.

PACHECO, M. Cândida Monteio. "Orígenes". In: *LOGOS - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. V. 3. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1991.

PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luíza Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2011.

RENAUD, M. Fenomenologia e Hermenêutica: o projeto filosófico de Paul Ricoeur. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga: [s.n.], 1985. v. XLI, p. 1 - 38.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologia*. Trad. Hilton Japiassu. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Do Texto à Acção: Ensaio de Hermenêutica II*. Trad. Maria José Sarabando e Alcino Cartaxo. Portugal: Rés-Editora, 1986.

SCHLEIEMACHER, Friederich. D. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Tradução e apresentação de Celso Reni Braidá. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUSA, João A. de. "Lutero (Martinho)". In: *LOGOS - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. V. 3. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1991.

*Prof. Dr. José Vanderlei Carneiro – UFPI
Bacharel (FAJE-BH), mestre (UECE) em Filosofia e doutor em Linguística (UFC).